

TÍTULO: Gênero e Tradução: questões culturais sobre a Transmissão de conhecimento

AUTORA: Monique Pfau*

RESUMO: A interface entre os Estudos de Gênero e Estudos da Tradução aparece como um importante recorte a ser estudado, uma vez que a transmissão dos trabalhos intelectuais encontra-se em constantes discussões intermediadas através da tradução que se depara com questões culturais. Além disso, aparecem questões de relações de poder “centralizando” certos núcleos acadêmicos. Entretanto, isso já está muito visível entre diversas autoras que mostram a necessidade da visibilidade de países que muitas vezes apareceram como “periféricos” na área de produção de conhecimento nos Estudos de Gênero; elas também tratam da urgência da ampliação do diálogo de uma forma mais universal. A tradução cultural aparece como fator crucial para a disseminação desses diversos discursos.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de Gênero, Estudos da Tradução, relações de poder, comunicação.

ABSTRACT: Interfacing Gender Studies and Translation Studies comes as an important fragment to be studied since the transmission of intellectual work is found in ongoing discussions intermediated through translation which faces cultural issues. Nonetheless, there are issues regarding power relations which “centralize” certain academic cores. However, this has already been very visible among several authors who urge to make other countries visible; they are often seen as “peripheral” in the field of production of academic knowledge regarding Gender Studies; they also deal with the need of extending the dialogue more universally. Cultural translation comes as a crucial factor to disseminate these several discourses.

KEYWORDS: Gender Studies, Translation Studies, power relations, communication.

Em uma intersecção de dois campos de estudos teóricos, Gênero e Tradução, percebe-se que já há algum tempo existe uma discussão que abrange as duas áreas, que se relacionam simultaneamente. Essa discussão vem tomando grandes proporções à medida que intelectuais percebem a problemática da tradução – e assim, disseminação – dos discursos que envolvem relações de gênero por todo o mundo. O presente artigo traz uma revisão teórica do que vem sido discutido nos últimos anos entre estudiosas que concernem à interface destes estudos e trazem à tona questões atuais e históricas sobre realidades, problemas e necessidades.

Ambas as áreas aparecem em forte ascensão no cenário mundial e mais recentemente no cenário brasileiro e mostram a urgência do diálogo e de discussões mais aprofundadas no âmbito acadêmico, ao passo que tanto os Estudos de Gênero como os Estudos da Tradução são estudos interdisciplinares. Essas questões emergem fortes marcas culturais, de relações de poder, de teorias do discurso e da tradução. Além disso, para a internacionalização de um discurso, este deve ser representado através da “língua franca”; ou seja, o discurso deve conseguir ser publicado em uma língua de amplo acesso, conseguindo assim conquistar seu “visto” para ser universalmente lido por diversas culturas diferentes além do lugar onde nasceu.

Os Estudos de Gênero estão intrinsecamente ligados aos Estudos da Tradução, uma vez que a produção do conhecimento da área vive um diálogo acadêmico incessante entre os diversos centros de produções intelectuais do mundo. A comunicação muitas vezes é feita através da tradução, onde aparecem diversos problemas – e soluções – de transmissão de conhecimento e

* Mestre e doutoranda em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Contato: moniquepfau@hotmail.com

experiência através das diferenças culturais. A tradução, afinal, serve como compreensão desses discursos de gênero através das culturas. Assim, as diferenças culturais podem ser dialogadas entre si e uma pode ter a chance de conhecer a outra.

Tradução já há algum tempo tem servido como uma figura de linguagem própria para descrever o que as mulheres fazem quando entram na esfera pública: elas traduzem sua linguagem privada, suas formas de discursos femininos específicos e, de alguma forma, elas as desenvolveram a partir de um código patriarcal dominante resultado pela exclusão de gênero. (FLOTOW, 1997, p. 12)*¹

Já há algum tempo, pesquisadoras e pesquisadores vêm estudando a interface entre Estudos de Gênero e Estudos da Tradução no intuito de compreender a forma da linguagem que tem sido transmitida ao longo de diferentes culturas no campo dos Estudos de Gênero. Essa interface vem chamando a atenção de feministas e tradutores de textos feministas para questões específicas há algumas décadas.

Segundo Bassnett (1992), em uma análise historiográfica sobre Estudos de Gênero e Estudos da Tradução, percebe-se que, a partir dos anos 1970, essas questões relacionadas a gênero e linguagem se tornaram objetos de discussão mais acirrada, e, pela primeira vez, as atenções foram menos dirigidas à questão do sexo do autor de um texto e mais às questões que envolvem sinais de gênero codificados no texto. Durante a década de 70, ao mesmo tempo em que a disciplina de Estudos de Tradução estava se desenvolvendo, paralelamente acontecia o desenvolvimento das teorias feministas, ainda que as duas áreas tenham permanecido separadas até pouco tempo atrás.

A autora afirma que o propósito de muitos dos trabalhos das teóricas foi a recusa de continuar a ver o mundo em termos de “oposição binária” como o masculino-feminino, homem-mulher, etc. Ao mesmo tempo, no campo dos Estudos da Tradução, os estudiosos trabalhavam no sentido de fugir do conceito binário de equivalência e trazer uma noção baseada nas diferenças culturais.

A terminologia de perdas e ganhos, a ideia de que tradução é de alguma forma, uma atividade secundária e inferior à escrita e a ideia de que a tradução fica abaixo do privilegiado “original” na hierarquia são rejeitadas a partir da noção que a tradução e a escrita são vistas como interconectadas, pois uma assegura a sobrevivência da outra. (BASSNETT, 1992, p. 65)*²

Assim, a rejeição da oposição binária de homem e mulher leva à reformulação da antiga hierarquia que coloca a mulher abaixo do homem (o homem seria o original, a mulher, a tradução, esta criada posteriormente e através de sua costela – de acordo com a versão bíblica da criação, aplicada aqui à questão da tradução).

Vale lembrar que, mesmo de acordo com a versão bíblica da criação, o homem e a mulher estão intrinsecamente conectados a partir do conceito de reprodução e continuidade, já que nenhum se torna mais importante que o outro nessa questão, assim como o original e a tradução para esses mesmos fins.

A partir dos anos 80, houve a tentativa mais intensa iniciada por mulheres de descrever o trabalho do tradutor sem privilegiar o autor do texto original nem o tradutor. O antigo contexto binário da tradução colocava o texto original e a tradução em dois pólos extremos; as feministas atuantes na área resolveram então trabalhar “entre” esses dois pólos: “se esses pólos são

¹ Tradução minha. Todas as citações das obras escritas em inglês e espanhol que constam nas referências foram traduzidas por mim para este trabalho. “Translation has long served as a trope to describe what women do when they enter the public sphere: they translate their private language, their specifically female forms of discourse, developed as a result of gendered exclusion, into some form of the dominant patriarchal code”.

² “The terminology of loss and gain, the idea that translation is somehow a secondary activity, inferior to the act of writing, that the translation stands lower in the hierarchy than the privileged ‘original’ is rejected in favour of a notion that sees translation and writing as interconnected, with the one assuring the survival of the other”.

metamorfosados em masculino e feminino, então o espaço se torna andrógino ou até mesmo bissexual, nem um e nem o outro.”³ (BASSNETT, 1992, p. 66)

Se aceitarmos que o tradutor não é nem poderia ser um filtro transparente pelo qual o texto passa, mas é muito mais uma forte fonte de poder de energia criativa transacional (e essa é uma premissa fundamental dos estudiosos na área de Estudos da Tradução), pensando então em termos de gênero, o tradutor serve para aumentar a conscientização das complexidades textuais no papel tanto do escritor como do leitor. (BASSNETT, 1992, p. 70)⁴

Assim como Bassnett, Luise von Flotow (1997) também aponta problemas comuns nos Estudos da Tradução e Estudos de Gênero: ambos são interdisciplinares. O gênero carrega diferenças culturais e a formulação dessas diferenças é expressa na língua.

Ainda que o efeito do “aprender a ser uma mulher”, segundo Flotow (1997), seja uma variante comum em qualquer sociedade e provavelmente em seus subgrupos, as diferenças em afiliações políticas, em grupos étnicos, em crenças religiosas, em raças e em situações econômicas são muito importantes para o entendimento ou solidariedade entre as mulheres que fazem parte de grupos que lutam por causas diferentes (FLOTOW, 1997, p. 86).

Através dos diálogos e acordos existentes em diversas universidades nos Estudos de Gênero ou Estudos Feministas, que surgem em localidades específicas de cada contexto cultural em que estão inseridos, como ignorar que a discussão de valores intrínsecos a cada um deles seja simplesmente traduzida linguisticamente sem levar em conta as diferenças? Questões religiosas, econômicas, sociais e políticas aparecem extremamente abrangentes em produções feministas. Enquanto feministas de alguns países muçulmanos levantam motivos para protestar contra a censura na internet e contra a restrição a uma bibliografia internacional especializada, ou em casos mais extremos, contra a lapidação, contra a violência, contra o repúdio masculino, outras feministas no ocidente aparecem contra a desigualdade salarial, discutem sobre o tempo de licença maternidade e paternidade, pelo direito à terra ou ao aborto. Todas essas questões envolvem o universo dos Estudos de Gênero; no entanto, trazem diferentes abordagens. Uma vez que qualquer uma seja traduzida, esta precisa ser compreendida na outra cultura, na língua em que foi expressa.

Cláudia de Lima Costa (2004, p. 187) também observa que a problemática da tradução se tornou uma questão de discussão importante, pois essa discussão se torna iminente para a análise da representação do poder, das assimetrias entre linguagens, da formação de conhecimento, etc. Assim, através dos remapeamentos culturais globalizados, essa questão tornou-se um objeto de importante debate dentro do universo feminista. A tentativa de teorizar a tradução requer a análise dos signos da economia em que a tradução circula em uma necessidade de mobilidade e proximidade promovidas pelo capital transnacional da cultura.

Segundo Costa (2004), os problemas de disseminação, interpretação e descrição de ideias e de visão de mundo estão diretamente relacionados às relações de poder e às assimetrias das línguas, regiões e povos. As teorias feministas, na tradução, são apropriadas pelas leituras locais, pois “ao fazer uso simultâneo de registros variados (material, político, cultural), elas se forjam em diferentes níveis de abstração” (COSTA, 2004, p.188).

3 “(...), If those poles are metamorphosed into masculine and feminine, then the space becomes androgynous or even bi-sexual, neither the one nor the other”.

4 “If we accept that the translator is not, and never could be, a transparent filter through which a text passes, but is rather a very powerful source of creative transitional energy (and this is the fundamental premise of Translation Studies scholars), then thinking in terms of gender serves to heighten awareness of textual complexities in the roles of both writer and reader”.

A autora exemplifica casos de interação através dos contextos das Américas (Norte e Sul) em que se encontram inúmeros bloqueios ao tentar cruzar a fronteira, desde configurações institucionais dominantes e excludentes até exclusões de sujeitos e subjetividade (de ambos os lados). Tais discussões levaram à percepção de que as relacionalidades e acessórios que diferentes categorias analíticas do feminismo adquirem quando viajam tendem a determinar sua tradutibilidade. Além disso, a autora aponta outro fator importante no que diz respeito à mediação do processo cultural: não só o das barreiras linguísticas e culturais, mas também aquelas que chamam a atenção às barreiras raciais e sexuais (entre outras), no sentido de abrir espaços e criar alianças, tentando assim evitar um diálogo mal interpretado entre conversas a partir do momento em que elas ultrapassam as fronteiras (COSTA, 2004, p. 189).

Já Nelly Richard (1996) escreve sobre a questão de centralidade no universo feminista. Ela discursa sobre a dupla marginalidade da literatura latino-americana; tanto a marginalidade em relação à centralidade do poder masculino assim como a marginalidade metropolitano-ocidental. Ela abre seu texto formando esse conceito sobre questões feministas relacionadas aos centros (que, no texto, ela chama de metrópole):

[...] as mulheres têm desenvolvido, num cenário cultural mais recente, um trabalho intensamente teórico que entra em uma árdua concorrência intelectual com a produção de conhecimento que está habitualmente sob contrato masculino. Mas, nesta produção teórica, se inscreve a marca predominante do contexto internacional que mais fortemente a sustenta e a organiza através de sua cadeia de universidades e séries editoriais que fazem circular os discursos desde os centros de validação metropolitana até a semiperiferia latino-americana. (RICHARD, p. 733)*⁵

Richard (1996) critica as generalizações feitas por muitos grupos quanto à atuação das feministas em um campo comum e defende a necessidade das feministas em focarem nas prioridades que aparecem dentro do seu grupo de estudo, transformando, assim, os estudos feministas em um campo de atuação múltipla. Nesse sentido, ela comenta especificamente o feminismo na América Latina. Richard lembra que o modo como cada indivíduo vive, se comporta e pensa é relacionado com o sistema de representação da linguagem; este exprime os processos de subjetividade que estão diretamente relacionados às formas culturais e às relações sociais.

A autora (1996) remete à complexidade das desconstruções culturais, que previamente foram normatizadas pelas sociedades “dominantes” e que têm sido assumidas pelo feminismo teórico de tendência pós-estruturalista, sendo estas exercidas predominantemente pelo universo europeu e norte-americano em um discurso sobre a necessidade que a América Latina teve e tem em se desassociar e desenvolver seu próprio discurso feminista. Como consequência, ela percebe que algumas feministas, devido às condições específicas da América Latina – de opressão, exploração e miséria – exigiriam das feministas latino-americanas muito mais ação que discurso, mais compromisso político que indagações filosóficas e mais denúncias testemunhais que emaranhados desconstrutivos. São discussões em relação ao imaginário “puramente” latino-americano.

Richard, assim como outros estudiosos em assuntos sobre relações de poder, comenta sobre aquilo que ela denomina como “divisão global do trabalho”, que reserva o privilégio da *teoria* às academias metropolitanas (mesmo referentes a assuntos periféricos) e a *prática* à periferia latino-americana. A periferia estaria assim incumbida em assumir o papel da produção de “estudos de caso”, justificando a teoria formada pelos centros acadêmicos.

⁵ “[...], las mujeres han desarrollado en la escena cultural más reciente un trabajo intensamente teórico que entra en ardua competencia intelectual con la producción de conocimiento habitualmente situada bajo contrato masculino. Pero esta producción teórica lleva inscrita la marca predominante del contexto internacional que más fuertemente la sustenta y la organiza a través de su cadena de universidades y series editoriales que hacen circular los discursos desde los centros de validación metropolitana hacia la semi-periferia latinoamericana”.

Como já vimos anteriormente, o estudo das relações de gênero é muito amplo. Assim, teorias, por mais generalizadas que tentem ser, dificilmente serão aplicáveis em todos os estudos de casos específicos. Podemos, dessa forma, considerar a necessidade de produções teóricas onde seus respectivos estudos de caso ocorrem para uma aproximação da realidade cultural lidada. Assim, o termo “centro e periferia” também já não é mais cabível, uma vez que haja a troca de experiências, conclusões, hipóteses e relacionalidades entre diferentes centros acadêmicos.

Richard conclui seu texto criticando tais práticas e enaltecendo as produções feministas desenvolvidas na própria América Latina devido à pluralidade cultural encontrada nesta parte do continente. Há, de fato, muito estudo próprio desenvolvido na América Latina que demonstra a necessidade da não-homogeneização dos Estudos de Gênero ou mesmo dos Estudos Feministas.

[...] o feminismo é uma categoria que deve ser permanentemente reinterpretada segundo a ênfase crítica que exige as circunstâncias discursivas nas quais se move. O feminino, portanto, não é um dado – pré-crítico – de uma identidade já resolvida, e sim algo a modelar e a produzir: é uma elaboração múltipla e heterogênea que inclui o gênero em uma combinação variável de outros significantes para entrelaçar diferentes modos de subjetividade e diferentes contextos de atuação. Esta concepção interativa da diferença-mulher é, sem dúvida, a que melhor serve para a reflexão do feminismo latino-americano, já que permite pluralizar a análise das muitas gramáticas da violência, da imposição e da segregação, da colonização e da dominação, que se intersectam na experiência da subalternidade. (RICHARD, 1996, p. 742)*⁶

Dessa forma, fica possível perceber que os Estudos de Gênero, assim como os Estudos da Tradução, apresentam inúmeras variações culturais em diferentes graus de importância, conforme o contexto em que uma determinada atividade intelectual de qualquer um dos campos de estudo esteja sendo produzida.

Costa (2004, p. 189) também observou as “variações” de importância e percebeu que a contemporaneidade é marcada pelo desaparecimento de “vias de mão única” e o surgimento de “zonas (cada vez mais voláteis)” de tradução, cabendo assim à crítica feminista examinar cuidadosamente o processo de tradução cultural das teorias e conceitos feministas.

A autora (p. 190) comenta sobre os “vistos da tradução”, ou seja, a tradução somente pode se tornar possível através da presença daquilo que ela chama de um “aparato material” - que ela explica como a materialidade constituída por e constitutiva de contextos de recepção. Em resumo, esse “aparato” é tudo aquilo que organiza a tradução, a publicação, a circulação e a recepção dos textos, é ele que proporciona o “visto” de circulação do texto e também influencia na escolha de quais teorias/textos são traduzidos e ressignificados afim de que se adaptem à intelectualidade local.

Segundo Godard (1990), questões de linguagem e gênero tornaram-se uma preocupação central para as teóricas feministas e para a tradução de suas teorias. Godard discursa sobre as teóricas feministas francesas que se deparam com problemas relacionados à tradução para o inglês, pois tentam quebrar com o discurso dominante, ou seja, elas percebem a tradução, na teoria do discurso feminista, como uma produção e não como uma reprodução (GODARD, 1990, p. 90). Dessa forma, sumariamente, puderam então concluir que as teorias do discurso estão intimamente ligadas às teorias da tradução. A autora demonstra no seu texto algumas

⁶ “(...) lo femenino es una categoría que debe ser permanentemente reinterpretada según la acentuación crítica que exigen las circunstancias de discurso en las que se mueve. Lo femenino no es, entonces, el dato – precrítico – de una identidad ya resuelta, sino algo a modelar y producir: una elaboración múltiple y heterogénea que incluye el género en una combinación variable de significantes otros para entrelazar diferentes modos de subjetividad y diferentes contextos de actuación. Esta concepción interactiva de la diferencia-mujer es sin duda la que mejor sirve a la reflexión del feminismo latinoamericano ya que permite pluralizar el análisis de las muchas gramáticas de la violencia de la imposición y de la segregación, de la colonización y de la dominación, que se intersectan en la experiencia de la subalternidad”.

razões que levaram a essa conclusão: os problemas levantados nas versões do francês para o inglês trouxeram à tona muitas questões tradutórias. A autora questiona sobre as traduções de trabalhos feministas para a língua inglesa:

As traduções feministas procuram esconder que são de fato traduções e têm a intenção de aparecer de forma naturalizada na língua inglesa; ou será que procuram exercer a função de textos, de escritas, que salientam a produção ainda acima de seus significados? (GODARD, 1990, p. 87)*⁷

Questões relacionadas a esse tema, levantadas por Godard, esclarecem a importância dos Estudos da Tradução em textos de natureza feminista e, de forma ainda mais abrangente, textos de qualquer natureza política e cultural. Tanto os discursos feministas americanos como os discursos feministas franceses sobre tradução estão relacionados à identidade e diferença, assim como à nacionalidade e ao gênero. As práticas emancipatórias são demonstradas através da construção de novos significados. O discurso feminista trabalha para romper e pluralizar o discurso dominante, na procura por alcançar uma diferenciação. “[...] o discurso feminista funciona para subverter o monólogo do discurso dominante.”*⁸ (GODARD, 1990, p. 88).

A autora acredita que a tradução e a transcodificação feministas fazem emergir as dificuldades de quebrar o silêncio para abrir o espaço de comunicação de experiências e ideias entre as mulheres através das línguas. Assim, o confronto entre línguas no feminismo se torna explícito. São diferentes realidades culturais traduzidas para outros contextos e que, conseqüentemente, trazem experiências desconhecidas.

E é justamente no exato momento em que um texto passa pelo ato tradutório que ele enaltecerá a pessoa que for traduzi-lo. Tradutores, durante seus atos tradutórios, tomam decisões. Tais decisões normalmente vão de acordo com as prioridades que os tradutores por algum motivo possuem. Os tradutores devem ter em mente e claramente compreendido os discursos dos autores dos textos originais. Mais do que isso, devem estar conscientes de quem os lerá e como estes discursos devem ser lidos na cultura de chegada para que os leitores tenham a reação esperada, uma vez que essa reação já tenha sido previamente idealizada por eles mesmos, ou pelos autores dos textos originais ou por quem houver demandado as traduções para essa cultura com um propósito específico.

Sherry Simon (1996, p. 136) reafirma o que as outras autoras dizem: que os estudos culturais auxiliam na compreensão da complexidade de gênero e cultura. Acrescenta ainda as conseqüências implicadas dentro das realidades múltiplas atuais dos “pós” (pós-estruturalismo, pós-colonialismo e pós-modernismo): primeiro, o poder da língua de construir uma realidade é enfatizado; segundo, as mudanças culturais contemporâneas são salientadas pelas relações de poder; e, terceiro, um universo onde novidades totais acabam sendo um fenômeno raro, as grandes atividades culturais envolvem a “reciclagem” de um material já existente. Sendo assim, todas essas três perspectivas mencionadas, segundo a autora, são proeminentes para que a tradução seja uma criação cultural que envolva mudanças.

Costa (2000, p. 43) sugere que a problemática da tradução tornou-se um novo espaço de debate feminista. As relações dentro da tradução cultural vão além de dimensões das assimetrias linguísticas, mas fazem principalmente parte de um jogo entrelaçado nas relações de poder. Assim, artigos referentes ao campo de Estudos de Gênero que são escritos originalmente em português e traduzidos para o inglês, por exemplo, procuram retirar um “passaporte” dentro

⁷ “Do the translations seek to hide the work of translation and appear as naturalized in the English language, or do they function as texts, as writing, and foreground their work upon meaning?”

⁸ “(...), feminist discourse works to subvert the monologism of the dominant discourse”.

dos Estudos de Gênero, pois dessa forma serão internacionalmente lidos. A língua inglesa, mais do que primeira língua em diversos países do mundo, atualmente tem circulado dentro dos universos acadêmicos de diversos outros países que não a utilizam como primeira língua.

Referente ao tema que envolve relações de poder, Niranjana (1992, p. 47) discursa sobre as teorias da tradução através de uma visão pós-colonialista e percebe a importância que até então os ocidentais deram, em termos de tradução, de partir do ponto da tradução do conhecido para o universo do desconhecido. Historicamente, traduzir uma cultura está para que ela seja inteligível em outra, para que uma cultura entenda a outra. Através da tradução, é possível tentar estabelecer relações de poder em que uma cultura passa a estar presente na outra.

A autora percebe a necessidade da noção das teorias da tradução estar vinculada ao conceito de um crescimento humanista através de um estudo pós-colonialista, que abre para questões culturais que consideram as relações de poder e também de historicidade, assim como as desigualdades (ou assimetrias) das línguas diferentes dos últimos séculos, em que a tradução ocupou um quadro “conceitual, idealista e empirista” no senso comum (NIRANJANA, 1992, p. 48).

Assim, Niranjana chama de “teoria inocente da linguagem” as teorias conservadoras da tradução e que atualmente podem ser debatidas dentro do campo de Estudos da Tradução sobre as “realidades”, colocadas na sua obra desse modo, entre aspas. Concordando com as palavras de Bassnett, Niranjana repete a ideia de que não há sentido em discutir sobre uma tradução definitiva já que a tradução está intimamente ligada ao contexto em que ela é produzida.

Especulando sobre as relações de poder, Niranjana, (p. 60) percebe a ligação dos Estudos da Tradução com atividades missionárias, o trabalho dos antropólogos e o papel dos administradores coloniais, vendo a tradução muitas vezes como um desejo de construir o mundo primitivo, de representá-lo e de falar em nome dele; através das relações assimétricas entre colonizador e colonizado.

De forma mais específica para o contexto da tradução do gênero feminista, Cláudia de Lima Costa também aborda questões que se referem a relações de poder:

No contexto do tráfego nacional de teorias e conceitos, a questão da tradução cultural se faz um espaço privilegiado, por um lado, para elaborar análises críticas sobre a representação, o poder, as assimetrias entre linguagens e, por outro, para examinar e situar aquelas práticas constitutivas do sujeito do feminismo e de seu lugar de enunciação. (COSTA, 2000, p. 45)

Costa evidencia também possíveis riscos de que alguns aspectos de ruptura e de visibilidade das mulheres desapareçam na tradução através do uso do discurso dominante, que podem representá-la como um objeto sem história.

Sabe-se da comunicação entre os diversos centros acadêmicos do mundo dentro dos Estudos de Gênero. Muitas vezes, vemos como é grande a massa de produção de conhecimento a América do Norte e a França, com suas características peculiares. Diversas autoras de ambas as regiões ao longo da história e atualmente tornaram-se internacionalmente conhecidas e estudadas, pois suas obras foram traduzidas para diversas outras línguas – ou mesmo lidas nas línguas originais em outros centros acadêmicos. Não obstante, as produções intelectuais oriundas dessas regiões foram por muito tempo classificadas como regiões “centrais” de produção de teoria relacionada ao gênero, enquanto as outras acabaram por se classificarem como “periféricas”. Essa rotulação não fica tão simples enquanto o estudo multidisciplinar do campo de Estudos de Gênero aborda especificidades culturais, históricas, geográficas e sociais do seu objeto.

Cláudia de Lima Costa (2000), por exemplo, prefere o termo “zonas de contato” ao invés de centro e periferia. Ela justifica esse termo devido às produções não menos importantes desenvolvidas em outros países. Ainda assim, ela reconhece o que já foi previamente mencionado:

[...] na divisão global do trabalho o trânsito teórico entre centros metropolitanos e periferias permanece preso a uma troca desigual ou uma lógica intratável: enquanto o centro acadêmico teoriza, espera-se da periferia o fornecimento de estudos de caso. Em outras palavras, a periferia é reduzida ao lado prático da teoria; isto é, num binarismo perverso, ela se torna o corpo concreto em oposição à mente abstrata do feminismo metropolitano. (COSTA, 2000, p. 44)

Quem observa essa importância, em uma entrevista concedida à REF*⁹ de janeiro de 2001, é Ella Shohat, uma estudiosa que escreve sobre a complexidade das relações de dominação, sejam elas étnicas, de classes ou de qualquer outra natureza. Na intenção de perceber as peculiaridades de diferentes grupos e da não-generalização, ela parte de um olhar antropológico sobre a experiência de gênero em diferentes comunidades entre si, entre leste e oeste, primeiro e terceiro mundo, mulheres brancas e não brancas, com a finalidade de desvendar outro tipo de feminismo, não o feminismo civilizador do ocidente, mas o feminismo relacional das diferentes comunidades e práticas sociais (COSTA; MALUF, 2001, p. 147 e 148) em um discurso sobre a necessidade de relacionar culturas:

Apesar de as regiões terem as suas especificidades, a ideia é discutir comunidades não como isoladas umas das outras, na medida em que todas as histórias e geografias estão mutuamente implicadas. Elas devem ser analisadas umas em relação às outras. (COSTA et al, 2001, p. 150)

Percebe-se então a necessidade de diálogo entre as diversas culturas para ampliar a comunicação intelectual que se refere aos Estudos de Gênero de um modo geral. Mulheres existem em todas as partes do planeta, e elas se relacionam de alguma forma. Ainda que isso seja um senso comum, a forma em que elas se relacionam e as problemáticas que emergem de tais relacionamentos divergem imensamente. De forma alguma, isso significaria o não diálogo entre elas, já que a disciplina de Estudos de Gênero (ou Estudos Feministas) é construída através das experiências isoladas que podem ser estudadas, teorizadas, discutidas e *relacionadas*.

Dessa forma, analisando uma intersecção entre Estudos da Tradução e Estudos de Gênero e percebendo que ambos trabalham com rupturas de antigos paradigmas, a complexidade que envolve trabalhar simultaneamente com esses dois temas pode abrir portas no sentido de esclarecer que cada texto e cada tradução de um texto envolvem uma série de variáveis singulares para cada situação com que se está lidando, e que generalizações ficam cada vez menos prováveis.

Uma vez que os centros acadêmicos possam romper com antigos conceitos de “centro e periferia” nos seus discursos e vejam as produções dentro deste vasto campo como um relacionamento de trocas, a questão da tradução do discurso também pode abranger as variáveis que concernem especificidades e prioridades de cada texto para os novos leitores, de forma que eles possam dialogar com a cultura de chegada (do texto original) ou ainda com outras culturas diferentes. Nesse sentido, o Brasil, assim como qualquer outro país, pode encontrar mais espaço para internacionalizar problemáticas internas para que sejam ouvidas ao mesmo tempo em que também exercerá o papel de ouvinte. Ou seja, centros acadêmicos que trabalham com Estudos de Gênero, dentro da área de interesse de cada um, podem ser grandes centros ativos em termos de produção intelectual. E é a tradução que exerce esse papel para eles.

⁹ Revista Estudos Feministas – Universidade Federal de Santa Catarina

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BASSNETT, Susan. "Writing in no Man's Land: Questions of Gender and Translation". In: COULTHARD, Malcolm (ed) *In Studies of Translation*, Special issue of Ilha do Desterro-UFSC: Florianópolis, 1992.
- COSTA, Cláudia de Lima. *As Teorias Feministas nas Américas e a Política Transnacional da Tradução*. Revista Estudos Feministas (Florianópolis), vol 1. n. 3, 43-48, UFSC, 2000.
- _____. & MALUF, Sônia Weidner. *Feminismo Fora do Centro: Entrevista com Ella Shohat*. Revista Estudos Feministas (Florianópolis), vol. 9 . n. 1. p.147-159, UFSC: 2001.
- _____. "Feminismo, Tradução, Transnacionalismo". In: SCHMIDT, Simone Pereira. *Poéticas e Políticas Feministas*. Editora Mulheres: Florianópolis, 2004.
- FLOTOW, Luise Von. *Translation and Gender – Translating in the 'Era of Feminism'*. University of Ottawa Press: Canada, 1997
- GODARD, Barbara. "Theorizing Feminist Discourse/Translation". In: BASSNET, Susan; LEFEVERE, Andre (orgs) *Translation, history and culture*. Londres: Pinter, 1990.
- NIRANJANA, Tejaswini. *Siting Translation, History, Post-Structuralism, and the Colonial Context*. Los Angeles-Oxford: University of California Press, 1992.
- RICHARD, Nelly. *Feminismo, Experiencia y Representación*. Revista Iberoamericana, (Buenos Aires), v. 62, p. 733-744, 07-12 de 1996.
- SIMON, Sherry. *Gender in Translation – Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London: Routledge, 1996.

ARTIGO RECEBIDO EM: 10 fev. 2012

ARTIGO ACEITO EM: 19 mar. 2012

REFERÊNCIA ELETRÔNICA: PFAU, Monique. Gênero e Tradução: questões culturais sobre a Transmissão de conhecimento. *Revista Criação & Crítica*, n. 8, p. 56–64, abr. 2012. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/CC_N08_MPfau.pdf>. Acesso em dd mmm. aaaa.